

# O código de Segurança Nacional

JORGE FERREIRA

Dois temas, ambos de fundamental importância para o país, têm ocupado o tempo e os discursos dos integrantes do Congresso. São eles a Lei de Segurança Nacional e o Código Florestal. Embora para muitos não pareça, há uma estreita relação entre a lei e o código.

Em 1978, Lester Brown, do Worldwatch Institute, escreveu artigo em que tecia comentários sobre a noção de soberania e segurança nacional. Os países compram e/ou fabricam aviões, tanques e outras armas, sempre em nome da defesa de sua integridade territorial e de sua soberania. No entanto, comenta Lester Brown, o solo pátrio, em nome do qual se cometem as maiores atrocidades, pode estar sendo dado de graça aos vizinhos. O solo do desflorestado Nepal, por exemplo, vai acabar na Índia, ou em Bangladesh, carregado pelos rios.

A proposta de ampliar de 20% para 50% a área de desmatamento em propriedades da Amazônia é uma séria ameaça ao solo pátrio, e, portanto, um caso de segurança nacional. Quantidades imensas de terra serão carregadas para os cursos d'água, que ficarão assoreados; parte será doada ao Oceano Atlântico, com conseqüências que não podemos avaliar.

E ainda há mais: até hoje, o número de espécies conhecidas, em todo o mundo, está em torno de 1,5 milhão. Admite-se, porém, que o montante possa chegar a 30 milhões, e até a cem milhões. Na maior parte, esta biodiversidade não-conhecida, mas intuída, está concentrada na Amazônia. Algumas estimativas apontam a existência de 30 milhões de espécies apenas na Floresta Amazônica. O valor desta biodiversidade é ainda incalculável. Mas destruir patrimônio nacional, qualquer que seja seu valor, não é também questão de segurança nacional? Pode alguém, agindo em seu próprio interesse, destruir espécies que podem se revelar úteis a seu povo e a toda a Humanidade?

Mais ainda: os processos físicos, químicos e biológicos que se passam na Amazônia têm uma tal magnitude que é flagrante imprudência neles interferir sem uma base sólida de conhecimento. Diariamente, a evaporação de água e a precipitação de chuvas envolvem quantidades de energia equivalentes às de numerosas bombas atômicas. É uma grande asneira dizer-se que a Amazônia é o pulmão do mundo, mas não há dúvidas de que ela desempenha importante papel na regulação do clima e nas condições meteorológicas.

Incoerente, ou inadvertida, é a posição de certas pessoas que protestam veementemente contra a "intro-

missão de representantes de interesses estrangeiros" em assuntos nacionais. Claro que as decisões sobre a Amazônia brasileira devem ser tomadas pelo Governo do país. Mas quando uma organização não-governamental, ou um cientista, de outro país lança um alerta, devemos prestar atenção e ser gratos. Se fulano adverte que a devastação da Amazônia pode mudar o clima no mundo, está nos dizendo que o clima mudará também no Brasil. Ações que afetem o planeta obviamente nos afetam também.

Ainda há mais: na maior parte da Amazônia, a folhagem que recobre o chão contém mais nutrientes do que o solo. Ou seja, a floresta alimenta a si mesma. Isto explica por que as árvores amazônicas têm raízes que se desenvolvem para os lados: elas precisam da estabilidade que não encontram nos solos rasos, que, por assim serem, são também pouco férteis. Quer dizer: a Floresta Amazônica é um bom lugar para se plantar floresta.

Não estamos afirmando que a Amazônia deve permanecer intocada, como um santuário verde. Seria rematada tolice, ainda mais porque, há alguns milhares de anos, o Homem já intervém na floresta, que, certamente, não seria como é hoje se os índios não a tivessem manejado conforme suas necessidades. A Amazônia pode e deve ser ocupada, mas

de maneira racional e sustentável. Ou não é suficiente o exemplo da Mata Atlântica, que foi reduzida a 7% de sua área original, de um milhão de quilômetros quadrados? Quantas espécies terão sido extintas, antes mesmo que se tomasse conhecimento de sua existência? Não podemos sequer arriscar um cálculo.

Certamente, devemos ocupar a Amazônia e dela tirar proveito, em benefício do país. E a Amazônia, só por existir, é uma fonte de renda. O ecoturismo é uma opção para a exploração econômica da região, assim como o extrativismo controlado e a criação de animais silvestres para fins comerciais. E devemos tirar mais uma lição sobre a tão falada, discutida e não resolvida falta de memória nacional. Na primeira metade da década de 50, Wanderbilt Duarte de Barros, notável conservacionista, já morto, escreveu um livro chamado *A erosão no Brasil*. Antecipando-se a Lester Brown, Wanderbilt afirma: "O problema do bom uso dos recursos naturais renováveis e da mais adequada conservação dos solos é empresa que adquire, para regiões tropicais, o significado máximo que caracteriza seu relevo na esfera da Segurança Nacional." Está em tempo de tais alertas serem ouvidos e levados em conta.

JORGE FERREIRA é jornalista especializado em meio ambiente.

Class.	
Data	28/06/2000
Fonte	28/06/2000
SOCIOAMBIENTAL	
Documentação	